



GIL VICENTE

VISITAÇÃO
*Pardiez! siete arrepolones
 Me pegaron á la entrada
 Mas yo di una puñada
 A uno de los rascosnes
 VÁQUEIRO*

Semanario Monárquico-Integralista
 (Literário e Noticioso)
 Orgão e propriedade da J. M. Integralista local
 Redacção e Administração:
 AVENIDA DO COMÉRCIO

Director e Editor, **Pedro de Freitas.**
 Secr. da Redacção, **M. A. d'Oliveira.**
 (a quem deve ser dirigida toda a correspondência)

Composto e impresso no Typ. Minerva Vimaranesco
 Rua de Santo Antonio, 133 e 135

GIL VICENTE E O THEATRO PORTUGUEZ

Após as lutas da independência e depois de firmada a paz interna, a lingua portuguesa foi completando a sua diferenciação fonética e morfológica, ao mesmo tempo que as caravelas iam sin- grando os mares desconhecidos em busca de desconhecidas terras.

Entravam, pois, no máximo esplendor as duas expansões portuguesas mais notáveis e, por isso mesmo, as de maior vulto para a nacionalidade: a expansão marítima e a expansão literaria que se operou na era dos quinhentistas tendo a sua maxima expansão no reinado de El-Rei D. Manuel I, o Venturoso, como se a Providencia houvesse dotado esse Rei de todos os requisitos e de todos os esplendores necessários para que no seu reinado se operassem os maiores feitos e maiores virtudes que tornaram Portugal imorredoiro e respeitado por todas as grandes nações da Europa e, mais tarde, do mundo inteiro.

Ao mesmo tempo que ao Tejo afluíam as caravelas transportando os tezouros indios e as especiarias que abundavam nas terras do Preste Joham ia-se desenvolvendo a literatura portuguesa que a fé de El-Rei D. Duarte tam disveladamente tratara e o Infante D. Pedro com tanto brilho soubera incarnar na sua *Virtuosa Bemfeytura*.

Teve um lugar de primacial destaque na nossa expansão literaria a grandiosa figura dêsse extraordinário génio vimaranense que foi Gil Vicente — o fundador do Teatro Português.

Gil Vicente foi inegavelmente o escritor que melhor realisou, no espirito e na linguagem, o tipo verdadeiramente português do nosso teatro.

Almeida Garret, na sua introdução ao *Auto de Gil Vicente* refere-se desta forma ao teatro do seu tempo, comparando-o com a acção admiravel

e moralizadora do instituido pelo grande vimaranense seu fundador:

«Entre as joias que da corôa portuguesa nos levou a usurpação de Castela, não foi a menos bela esta do nosso teatro. Como o senhor rei D. Manuel deixou pouco vida doura descendencia, tambem o seu poeta Gil Vicente deixou morredoiros successores. Outros pendões foram fazer a conquista, navegação e commercio dos altos mares que nós abandonamos; outras musas o cuparam o teatro que nós deixamos. E desta ultima gloria perdida, nem sequer memoria ficou nos titulos de nossos reis». E mais adiante: «Gil Vicente, homem do povo, cubiçoso de fama e de gloria, todo na sua arte, querendo tudo por ela e persuadido que ela merecia tudo, viveu independente no meio da dependencia, livre da escravidão da côrte; e fiado na protecção dos reis, seus amos e seus amigos, fustigava de epigramas e *chacotas* quanto fidalgo se atrevia a desprezá-lo, quanto frade ou desembargador — e não o lhes faltaria vontade — vinha com intrigas e hipocrisias para o mortificar.

Original e atrevido em suas composições, sublime por vezes, o seu estilo era todavia de poeta cortedão: conhece-se. Os cismos que hoje lhe achamos, ou não soavam tais nos ouvidos daquele tempo, ou permitia a singeleza dos costumes, mais liberdade no rir e folgar, porque havia mais estreiteza e pudor nas coisas sérias e devéras».

Assim também do genial poeta que foi Gil Vicente, um dos seus grandes admiradores, o admiravel espirito de Almeida Garret, autor do memoravel e emocionante *Frei Luiz de Sousa*.

Lendo-se *Mofina Mendes* e o *Auto de Cananeia*, o *Auto Pastoril Portuguez* e o *Auto da Alma* sente-se algum daquêle esplendor tam divina e sublime que o monge

côrte um extraordinario sucesso.

Era assim que naquele tempo, tempo de tanta grandeza e gloria, se cultivavam as letras.

E a expansão continuava. De um lado a Africa e a India; do outro as Americas, as Terras de Santa Cruz.

E enquanto lá ao longe, naquelas inóspitas e desconhecidas terras, a bandeiras das Quinas ondu-

lava ao sabor dos ventos, enquanto as caravelas transportavam para a metropole as grandes riquezas ofertadas pelos reis indios aos nossos navegadores, em Portugal, nas côrtes portuguezas, dava-se inicio a essa outra expansão literaria e iniciava-se o alicerceamento e fundação do nosso teatro, do teatro estruturalmente português.

Passaram-se os séculos e que resta hoje do nosso teatro, do teatro que Gil Vicen-

te com tanto carinho arquitetou? Tem apalavra Almeida Garret na sua já citada introdução:

«Os alicerces da escola eram solidos como os do «erario novo» á Cotovia: mas não houve quem edificasse para cima, e entraram a fazer barracas de madeira no meio, e casinholas de taipa, que iam apodrecendo e caindo, até que vieram os reformadores, como é moda agora, destruíram tudo, alicerces e tudo, fizeram muitos planos, e não construíram nada, — nem sequer deixaram o terreno limpo.»

E assim essa obra admiravel de Gil Vicente, a cuja memoria a cidade de Guimarães prestou homenagem, foi pouco a pouco destruída, quasi nada restando do seu teatro. Os inovadores

introduziram-lhe varias traducções de variadas obras estrangeiras, nomeadamente francezas, e as revistas pornograficas de revisteiros baratos campeiam hoje nos nossos palcos, profanando toda a obra do imortal Mestre, e contribuindo para tornar mais intensa a desmoralização a que temos chegado.

Tudo se tem prevertido e de tudo quanto a tradição tornou nacional nada resta.

Só ruínas, ruínas... e nada mais.

Ah que se Gil Vicente viesse novamente a este mundo e visse o que fizeram do seu teatro com certeza que, imitando a *Mofina Mendes*, ...pregaria com tudo em terra!

M. A. d'Oliveira.

REPAROS...

Mais um escandalo

O snr. Cabreira, da repartição de Contabilidade do Ministerio da Agricultura, foi nomeado syndicante aos actos do sr. Peres Trancoso, commissario dos abastecimentos.

O motivo da sindicancia é muito simples: —naquêle commissariado existiam 26 mil contos destinados á compra de generos alimenticios. As compras feitas foram inferiores a 3 mil contos.

E os outros 23 mil? Onde param? Quem os mobilizou? Eis o que o sr. Cabreira vai ver ou, antes, vai fingir que vai ver — porque esta sindicancia abafar-se ha, como todas as outras, até que chegue a hora da Justiça.

Sim, porque é bom não esquecer que o syndicado Peres Trancoso é redactor de *O Mundo* e, portanto, um dos bós republicanos.

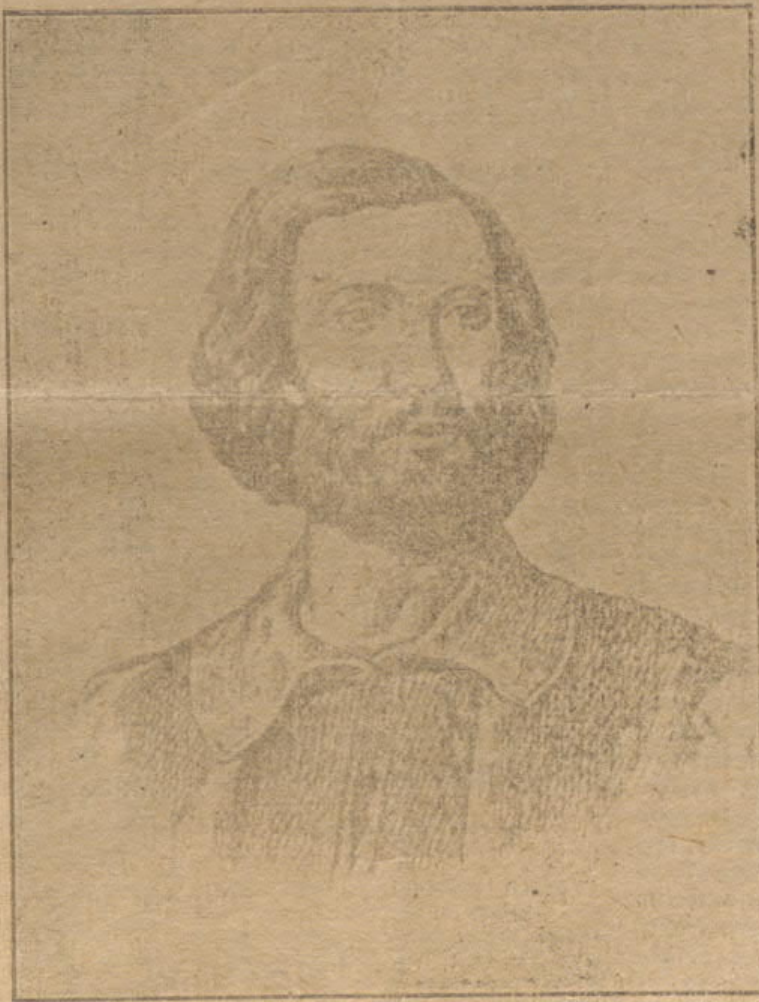
Ora aqui tem o snr. Plebeu um dos muitos casos da moralidade republicana: a moral das mobilizações... em proveito próprio. Limpe-se lá a esse guardanapo, snr. Plebeu, e tenha paciencia por esta bofetada ter sido dada tam inesperadamente.

Cópia do Parlamento

Tambem chegou cá, a Guimarães, importada pelos nossos edis, a *zaragata* que os snrs. deputados costumam levantar no redondel de S. Bento.

E é que a coisa esteve a pegar por causa da manifestação do deputado dr. Lúcio dos Santos, autor do projecto de lei que fez passar para o Estado as despesas da Câmara fazia com a manutenção do nosso Liceu Central.

Um queria que se convidasse



este, outro, o sr. Cabral ou o sr. Mourão; e assim se passou um tempo precioso para, no fim de tanta grita, se ficar a saber que quem vem é o sr. Lúcio... para fins eleitorais. São os outros que o dizem.

Manifesto

O tio Florêncio da E. P. S. botou picaresco manifesto em que nos mostra o seu pouco conhecimento da lingua de Gil Vicente e Camões. Tudo aquilo é um recheado de... linguagens muito para admirar.

E aquela do attingir-me a mim! Valha-o Deus, tio Florêncio; aquele pleonasmão (não sabemos se o tio Florêncio sabe o que são pleonasmões) foi de caixão á cova. Compre uma estilística, tio Florêncio, compre uma estilística.

Sem titulo

O grosseirismo de Plebeu, manifestado todas as vezes que na desavergonhada «Alvorada» vomita o odio rancoroso do seu nenhum talento, em nada nos prejudica, antes, pelo contrario, nos honra, e muito, desde que ele parte de quem tem pela educação jornalística o mais atrevido desrespeito, pela honra individual o mais descarado desprêso.

Plebeu esquece-se de que foi o primeiro, para ser o unico, a usar da lama do insulto e da calúnia que—por muito que se esforce—jamais conseguirá enlamear-nos nem aos demais amigos nossos, pois o nosso valor moral está acima, mas muito acima das suas baboseiras ou das de quem quer que seja. Ao atirar-nos a lama ficaram-lhe sujas as mãos e a cara. Olhem para ela e vê-la não toda salpicada... Porisso, Plebeu, perdeu, para nós, todo o seu valor—se é que algum dia o teve.

Usando de adjectivos que tam bem se ligam ao seu apoucado escrúpulo que ainda lhe resta (?), Plebeu não repara que está cravejado deles, pois, por sua própria «imbecilidade», se foram revoltando contra si! E, ainda, por cima, gaba-se do seu «zurrar»!

Que grande... heroi! Tam falho de cortezia e de delicadeza para com as opiniões alheias, ele só vê defeitos na casa dos outros ao mesmo tempo que procura defender-se e ao regimé—evado de vícios e de crimes—dizendo-se tambem a favor dos principios igualitarios—ela que é capaz de dizer aos amigos, muito em particular, que não concorda com as 8 horas, nem com a socialização das indústrias... Não ha maneira de compredermos os principios da sua filosofia politica: ele diz-se republicano, bolxevista, o diabo! Perdão. Amanhã será monarquico se a sua filosofia estomacal assim o exigir. E? questão de tempo... Pessimio filosofo nos saiu, mestre Plebeu! Nós comparamos certa filosofia com a do porco que só sabe que é «filosofo» quando está agarrado... á gamela. Um burro tambem se pode dizer «filosofo» quando carregado de livros...

Sam tam diferentes, tam desiguais dos nossos, os seus procesos de combate, tam baixos e torpes, que o tempo que perdemos, a responder ás suas... filosofias, seria melhor aproveitado no ataque contra a «criança» tam mal de saúde... coitadinha! Mas uma resposta sempre se deu a um gallego.

Queixa-se o malcriado e atrevido Plebeu duma figa de que nos tem chamado á luta leal e franca, sem que nós, até hoje, tenhamos correspondido á delicadeza do seu chamamento— sempre o mesmo atrevido e cynico—o qual é o de discutir principios...

Sua insolência ha-de perdoar;

mas já, por mais de uma vez, aqui, no «Gil Vicente», eles têm sido postos, bem a claro, com o carinho que nos interessa a Causa, a que nos devotamos, cheios de esperança no ressurgimento da Nação contra a ré publica e suas quadrilhas, mostrando ao povo que trabalha, mas ao que **trabalha**—ouvii?— não ao que se diz **para trabalhador** e cooperador de revoluções— que o **Integralismo Lusitano** assenta em bases sólidas e reais, sendo, porisso mesmo, indiscutíveis, mas o **Plebeu**, que é **filosofo**, quer de-las tirar conclusões, a que nunca poderá chegar o seu espirito lunático... Todavia, se deseja conhecer bem e a fundo o que de muito grande tem o Ideal nacionalista, que o Integralismo nacionalista, que o Integralismo em si concretiza, disponha de meia dúzia de escudos e compre a nossa Biblioteca. Leia-a com a atenção que lhe deve merecer tudo quanto diz respeito ao engrandecimento do seu país e diga-nos, depois, se é ou não é verdade o Integralismo Lusitano assentar em principios positivos e eternos. Na Biblioteca Integralista encontrará muito de útil que lhe deve servir quando mais não seja, para educar o seu espirito e incutir-lhe no coração rebelde o amor da Pátria que a ré publica e a emancipação social, de que tanto gosta, procuram assassinar a todo o transe...

Todos os problemas que interessam ao desenvolvimento económico, financeiro e político do País, são pelo Integralismo e só por ele, escrupulosamente, inteligentemente, versados. Não há muito tempo ainda que no Congresso Agrícola de Coimbra, ao qual assistiram, aproximadamente, 400 congressistas, se discutiram e comentaram, com calor e vivo entusiasmo, os mais praticos métodos de cultura agricola, sendo os nomes de Pequito Rebelo, Julio de Melo e Matos e outros aureolados com a corôa do triunfo; e, se a memória nos não traíçoa, ali se versou tambem, sempre no meio do mais puro entusiasmo nacionalista, a magna questão económica e financeira, agravada pelos constantes solavancos que os homens da ré publica lhes dão muito a seu prazer e sem que você, na «Alborada», os castigue como merecem. No Congresso de Coimbra venceu o Integralismo. E que-re saber porquê? Porque as individualidades que o orientam, já hoje consagradas, incansáveis e laboriosas, dedicam-se— não a fabricar bombas ou a mentir ao povo ludibriado e mais explorado pelos valdevinos do regimé,—mas a estudar nos seus gabinetes o que de mais indispensável exige o desenvolvimento económico da Nação—estudos que você e todos os republicanos nunca fizeram, e incomodando-os apenas e exclusivamente a maneira de se verem livres daqueles que, confiados na protecção das leis, se veem perseguidos por terem o desassombro de afirmar esta verdade: de facto a ré publica existe, mas não passa duma autêntica mentira quando se diz um «regimé do povo e para o povo».

Os regimes, como os individuos, quando escorados sobre cadáveres e alimentados com baionetas, jamais poderão ter uma paz eterna porque o pesadelo os fulmina e os arrasta ao abismo.

Assim terá de succeder á ré publica de Lisboa, que, para de facto existir, serviu-se do regicídio, que acabará por a levar para o diabo!

DOMINÓ AZUL.

Empregado

Pedimos aos nossos amigos e correligionarios para que se dignem arranjar uma colocação num escriptorio commercial, bancario ou fabril, para um nosso dedicado correligionario, rapaz de 20 anos. Resposta para a Redacção deste jornal a Massungão.

Circulo Católico

Como por nós foi largamente noticiado, esta prestante colectividade promoveu no dia 30 de Maio findo, uma brilhante sessão comemorativa da *Rezum Novarum*, a brilhante enciclica do imortal Pontifice-Leão XIII, a qual decorreu com muito brilho.

Pelas 3 horas da tarde reuniram na sede do Circulo muitas senhoras da nossa melhor sociedade, a fim de ser tratada a fundação, nesta cidade, da liga da *União Social Catolica*.

Depois de varios considerandos e resoluções tomadas foi constituída a Comissão Central da União Social Catolica (local), que é composta pelas seguintes senhoras:

Presidente:— Condessa de Margaride;

Vice-Presidente:— D. Maria José Ferrão;

Tezoureira:— D. Constança Martins Vaz Napoles.

Vogais:— D. Luiza Cardoso Martins de Menezes (Margaride), D. Constança d'Abreu Lima, D. Maria do Ceu Matos Chaves e D. Aurelia Figueira de Sousa Vaz Vieira.

Assistente ecclesiastico:— Conego Alberto da Silva Vasconcelos.

Secretario:— Tomás Rocha dos Santos.

As 10 horas da noite realisou-se no salão de festas da Juventude Catolica a conferencia allusiva a este tam grandioso como solene acto, sendo oradores os distintos e illustres jornalistas snrs. Padre Manuel Domingues Bastos e dr. Artur Bivar, que foram muito applaudidos por toda a numerosa e distinta assembleia.

Encerrou a sessão o presidente do Circulo Católico e nosso prezado amigo snr. Tomás Rocha dos Santos, prestando justiça e homenagem á illustre Familia Margaride—a protectora dos pobres e dos operarios humildes— ali representada por três dos seus mais illustres membros, sendo esta homenagem coroada com uma prolongada salva de palmas.

Assim terminou esta festa que em todos deixou as mais gratas impressões.

Um Importante donativo

A forçada falta do espaço com que temos lutado não nos tem permitido noticiar a distribuição do importante donativo de SEIS MIL ESCUDOS que a respeitavel e acreditada firma commercial Sousa Junior, Successores, desta cidade, fez ultimamente por intermedio dos snrs. Augusto Inácio da Cunha Guimarães e Simão da Costa Guimarães, pelas seguintes instituições de benemerancia, desta cidade, a saber:

Santa Casa da Misericórdia, 3.000\$; Asilo de Santa Estefania, 900\$00; Asilo da Mendicidade, do Campo da Feira, 400\$00; Creche de S. Francisco, 400\$; Oficina de S. José, 400\$; Conferencia de S. Vicente de Paula, 400\$00 e Caixa de Socorros dos Bombeiros Voluntarios, 300\$00.

Ação generosa é esta sem duvida, que não só enobrecem quem a praticou, mas tambem honra a cidade de Guimarães pelo amor caritativo de seus filhos.

Pela Penha!

Foram bastante concorridas, embora não tanto como era para desejar, as 2 sessões cinematograficas que a Empresa do VIMARANES-CINE promoveu no domingo passado em beneficio das obras da Penha, tendo agradado imenso o escolhido programa que havia sido elaborado.

Hoje realisam-se tambem 2 sessões cinematograficas em beneficio do Fiel e Fiscal do Teatro D. Afonso Henriques, onde está instalado o VIMARANES-CINE.

Agradecimentos

A familia de D. Eulalia Amelia da Costa Freitas Chaves na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pezar no doloroso transe porque acaba de passar falo por esta forma, protestando-lhes o seu indelevel reconhecimento.

N. R.—Devido a um lamentavel desequilíbrio tipografico, a que somos completamente estranhos, só hoje podemos inserir o presente agradecimento, do que pedimos muita desculpa.

Estefania Maria Antunes, na impossibilidade de agradecer a todas as pessoas que lhe manifestaram os seus pezames por motivo do falecimento de seu chorado e saudoso marido, vem, por este meio, embora tardiamente, reparar qualquer falta involuntaria que tenha cometido, manifestando a todos e muito especialmente ás pessoas que se dignaram acompanhar o féretro ao cemiterio o seu eterno reconhecimento.

A falta de espaço obriga-nos a deixar vário original para o próximo número.

ANUNCIO

(1.ª Publicação)

Pelo Juizo de Direito desta comarca de Guimarães e cartório do 5.º officio, por sentença de 4 do corrente mês, transitada em julgado, foi homologada a decisão do conselho de familia respectivo, que autorizou a separação de pessoas e bens, requerida por D. Josefina Elvira Leão da Cruz Costa, residente na rua de Paio Galvão, desta cidade, contra seu marido João Baptista de Freitas Ribeiro, residente na cidade de Braga—o que se publica para todos os efeitos legais.

Guimarães, 10 de Junho de 1921.

O escrivão,

José Maria Baptista Ribeiro.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Amadeu G. Guimarães.

Éditos de 30 dias

(2.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito da comarca de Guimarães, cartório do 5.º officio, correm éditos de 30 dias, a contar da ultima publicação deste, a citar os legatarios Antonia Rodriguez, natural de Entrala, provincia de Zamora, Espanha, ausente nesse reino, sua irmã Felicitas Rodriguez, residente em Entrala, dita provincia, D. Maria de Lourdes Pereira de Menezes, solteira, e sua mãe D. Clotilde Gomes Guimarães Martins de Menezes, residentes na rua do Ameal, n.º 1268, e o Doutor Manoel Maria de Carvalho, casado, da rua da Cerca, n.º 86, estes da cidade do Porto, para falarem e assistirem a todos os termos até final do inventario

“GIL VICENTE,”

CONDIÇÕES DE ASSINATURA		PUBLICAÇÕES	
(PAGAMENTO ADIANTADO)		Anuncios e comunicados:	
Ano	3\$50	1.ª publicação — cada linha	\$20
Semestre	1\$75	Repetição	\$10
Trimestre	1\$00	Permanetes — contrato especial	
Numero avulso	\$10	Imposto do selo	\$20

Ex.º Sr.

de maiores a que se procede por obito do Doutor Luiz Martins Pereira de Menezes, solteiro, falecido em Tanger e que foi consul portuguez em Marrocos, e nele deduzirem todos os seus direitos respectivos.

Guimarães, 30 de Maio de 1921.

O escrivão do 5.º officio,

José Maria Baptista Ribeiro.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Amadeu Guimarães.

Casa Nun'Alvares L. Gonzaga Pereira
Rua da Republica (antiga da Rainha)
GUIMARÃES

Papelaria, Livraria, Tabacaria, Artigos Religiosos e Miudezas, artigos para pintura a oleo, pirogravura, flores, etc.

Grande sortido em estampas religiosas, postais, oleografias, torços, medalhas, livros de missa e outros. Perfumarias, algodão para bordados, sabonetes e miudezas.

Anuncio

VENDE-SE um prédio em bom estado e com boa loja para qualquer negócio. Rua da República, 99 e 101 (largo da feira do leite) — Guimarães.

Falar das 11 horas em diante.

Propriedade

Vende-se uma casa na Rua de D. João I, n.º 182, com 2 andares, escritório, lojas, 2 quintais, tanque com água tirada a bomba circulatória.

Para tratar em Caneiros, na casa do sr. António Neves—Guimarães.

CASA DAS NOVIDADES

Proprietarios:

Ribeiro Castro & C.ª

Rua da Republica—Guimarães

Francisco Ribeiro de Castro, ex-empregado da casa Havaneza, tendo assumido a direcção desta casa, participa a todos os seus amigos, e demais pessoas, que possuem no seu estabelecimento um grande sortido de *Tabacos Nacionais e Estrangeiros, Papelaria, Livraria, Perfumaria, Artigos Religiosos e mais miudezas*, aos melhores preços do mercado.